



*Para além do pacato Rio Neva, ergue-se a elegante agulha da Catedral de Pedro e Paulo, emblema da cidade*

# Leningrado, com amor

CHRISTOPHER LUCAS

Visitar esta fabulosa cidade soviética  
é deixar nela o coração

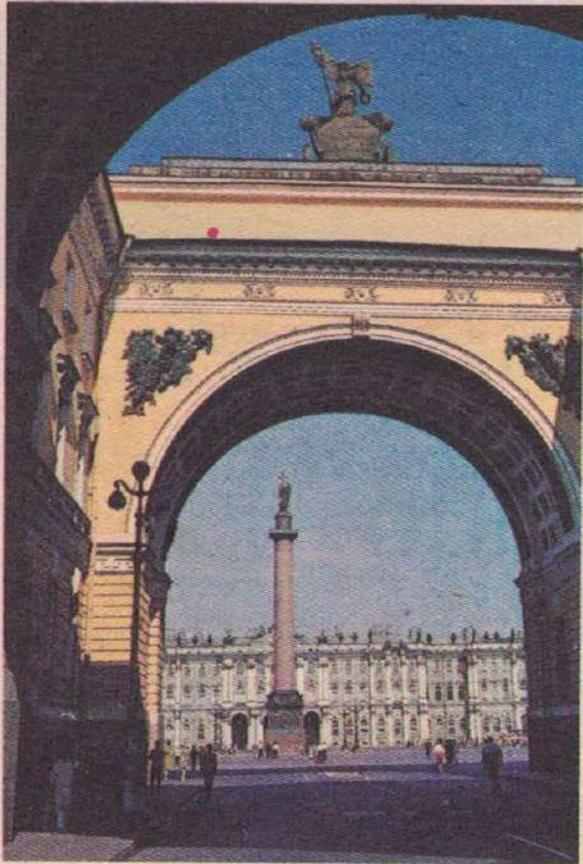
JÁ SÃO 11 da noite, mas a claridade do sol de verão ainda ilumina o horizonte. Se quiser desfrutar uma das famosas «noites brancas» de Leningrado, basta você não ir para a cama. Assim, na companhia de Tanya e Boris, desci umas escadarias de granito, atravessei uma frágil prancha de madeira e entrei numa velha casa flutuante que rangia ao sabor da

correnteza. Lá fora, as águas perolíferas do Rio Neva deslizavam silenciosamente a caminho do Báltico; dentro da casa, o ambiente era de alegria.

Comprimidos uns contra os outros, sentados em banquinhos de plástico, numerosos russos davam largas ao seu entusiasmo. Um conjunto de músicos cabeludos, em mangas de cami-

sa, tocava à sua maneira alguns números como «Mammy's Blues», enquanto muitas outras pessoas se espremiavam na pista de danças. Longe dos itinerários programados pela Intourist e muito afastado das ruas impecavelmente limpas e das excursões previamente preparadas que os mos-

BOB E IRA SPRING



*O Arco Triunfal enquadra a Coluna do Czar Alexandre I e o Palácio de Inverno*

covitas impingem aos turistas, ali estava eu, afinal, bem no seio do trepidante e genuíno coração da Mãe Rússia. À minha volta, a alma eslava irrompia espontaneamente numa demonstração de naturalidade. Depois do longo inverno gelado, os cidadãos de Leningrado (a mais encantadora das cidades, a «Janela para o Oeste», de Pedro o Grande) haviam acordado de seu torpor.

Fiquei lá três semanas, cinco dias e dezessete horas, e, tal como muitos outros visitantes, quase enlouqueci. Durante todo esse tempo, não consegui ver um jornal ou revista ocidentais, nem peguei um programa noticioso estrangeiro de rádio ou televisão. Senti-me isolado, quase em pânico, e cheguei a pensar que nunca mais voltaria ao meu país.

Contudo, toda medalha tem o seu reverso. A ansiedade nos provoca uma espécie de formigueiro nos nervos e estimula nossas reações. Assim, depois de passar ali 641 horas, não foi com muita surpresa que notei haver ficado perdidamente apaixonado por aquela terra. Acho que Leningrado é a mais excitante, fabulosa e fascinante de todas as cidades que conheci.

**O contraste.** Exilada para as latitudes árticas, Leningrado se refugiou bem no âmago das terras do Mar Báltico, situada precisamente sobre o paralelo 60, que também passa pela Groenlândia e o Alasca. Espalhada por mais de 100 ilhas e construída sobre bilhões de vigorosas estacas de carvalho, Leningrado (primitivamente conhecida como São Petersburgo) é uma das poucas cidades do mundo que foram inteiramente planejadas. Nasceu do nada, por iniciativa de Pedro o Grande, num dos mais impulsivos e extraordinários atos de toda a história. Suas gigantescas proporções refletem bem o espírito e as ambições do homem que a criou. Concebida pelos maiores arquitetos (russos, italianos e franceses) do século XVIII, a gloriosa e aristocrática Leningrado, com seus 570 quilômetros quadrados,



K. SCHOLZ

*Petrodvoretz, o Palácio de Veredo, domina «uma profusa explosão de lindos repuxos»*

tornou-se, ironicamente, a maior atração do turismo proletário soviético.

Com seus grandiosos bulevares, parques frondosos e praças monumentais, é uma cidade de céus abertos e lindos panoramas abrangendo todo o horizonte, uma metrópole cujas 621 pontes exibem seus arcos elegantes por todo o estuário do Neva, através de uma complicada rede de sinuosos canais e remansos. Leningrado é uma cidade setentrional, mas alegre, e não sombria como as outras cidades em tais latitudes. Seus suntuosos palácios apresentam deslumbrantes tonalidades turquesa e creme, com as cúpulas e campanários resplandecendo em ouro genuíno de 18 quilates. Os jardins são encantadores: imensidões de

tulipas, cascatas de lilases e o poético murmúrio das bétulas. Sob um céu muito azul, sem nuvens, Leningrado parece uma cidade mediterrânica transplantada.

Essa vibrante metrópole inspirou o mais fabuloso florescimento cultural da história da Rússia. Foi ali que os lendários Tchaikovski, Rimski-Korsakov e Mussorgski compuseram e executaram suas músicas maravilhosas; foi ali que o poeta Pushkin viveu, e ali Tolstoi, Turgenev e Dostoievski escreveram seus romances. No Teatro Maryinski de São Petersburgo, hoje conhecido como o Kirov, dançaram a divina Pavlova e o imortal Nijinski, e cantou o famoso baixo Chaliapin.

Mais nova e menor que Moscou, Leningrado é hoje a segunda cidade da União Soviética. O Kremlin de Moscou foi fundado em 1156; São Petersburgo nasceu 547 anos mais tarde. Moscou tem sete milhões de habitantes; Leningrado, apenas 4,1 milhões. No entanto, comparar Moscou com Leningrado é a mesma coisa que confrontar um camponês enlameado com um dândi. Moscou é uma cidade poeirenta, abrutalhada, no coração das estepes; seu povo é taciturno, sem modos, mal humorado. Em contraste, Leningrado é jovial, elegante, culta; seus habitantes são cordiais, sociáveis e extremamente generosos. «A nossa pode ser a segunda cidade em tamanho», diz um natural de Leningrado, «mas certamente não é a segunda em beleza.»

**Fênix.** Em sua breve história de apenas 271 anos, Leningrado tem vivido

mais intensa e apaixonadamente que qualquer outra cidade da Terra. Suas pedras têm testemunhado em silêncio todos os ultrajes e excessos, desde as mais bárbaras crueldades às mais desregradas orgias. Na dinastia dos czares Romanov, São Petersburgo foi, durante 206 anos, a brilhante capital de um dos maiores impérios do mundo, um reino de déspotas que dominava mais de 130 milhões de súditos e abrangia um sexto do globo.

Durante esses anos imperiais, São Petersburgo alcançou vitórias sobre os mais poderosos governos da Europa, inclusive ao derrotar Napoleão Bonaparte. Enquanto os pobres morriam de fome ou de frio, os cortesãos se entregavam aos festins mais devassos e dispendiosos que a história conheceu desde os tempos de Nero.

A fervilhante Leningrado já presenciou nada menos que quatro revoluções, inclusive a Revolução de Outubro de 1917, quando os andrajosos soldados das forças bolchevistas invadiram o Palácio de Inverno e Lenin fundou o primeiro estado marxista do mundo.

Essa primitiva fúria revolucionária não poupou os cidadãos de Leningrado durante os terríveis expurgos da década de 1930, quando o psicopata Stalin mandava liquidá-los aos milhares. O pior, porém, estava para vir. No decorrer da Segunda Guerra Mundial, Leningrado resistiu heroicamente a um dos mais horríveis capítulos da história universal — o cerco de 900 dias efetuado pelos nazis, em que o número de mortos atingiu a cifra apavorante de um milhão e meio.

A Leningrado do pós-guerra, no entanto, é uma fênix renascida das próprias cinzas.\* Apesar dos prejuízos, avaliados em 60 bilhões de dólares, os vestígios do holocausto desapareceram. Pedra por pedra, a cidade foi reconstruída e carinhosamente restaurada. Enormes praças foram pavimentadas de novo com pedras idênticas às originais, e as mesmas estátuas vieram embelezar as mesmas fontes borbotantes. Algumas cicatrizes da guerra foram deixadas intencionalmente, mas a cidade constitui hoje um milagre de recuperação.

Graças a isso, ela tem o que uma verdadeira cidade deve ter: um toque de humanidade. Ali nunca se encontra o movimento frenético de algumas grandes metrópoles, e engarrafamentos de trânsito qualquer cidade pode ter. As pessoas ainda costumam desfilarem tranqüilamente defronte das vitrinas das lojas em Nevski Prospekt e ainda se detêm para comprar um ramo de lírios ou uma rosa antes de pegarem o metrô para casa. Ali não há assaltos nas ruas e poucas vezes ocorrem distúrbios urbanos. Aos domingos, nas amplas praças, senhoras idosas ficam sentadas nos bancos fazendo tricô e apanhando um pouco de sol. Marinheiros da Armada Vermelha passeiam de braço dado com as namoradas. Crianças brincam disciplinadamente em gangorras e carrosséis.

Diga-se, no entanto, que, apesar do magnífico cenário da cidade e do temperamento por vezes jovial de

\* Ver «Os 900 Dias: O Cerco de Leningrado», em *Seleções* de julho de 1969

seus habitantes, sente-se uma atmosfera de quase angustiada monotonia. Se bem que demonstrem otimismo, os cidadãos parecem estar fartos de um Partido Comunista que controla *todos* os aspectos de suas vidas: as atividades que desempenham, as idéias que têm, os alimentos que comem, os espetáculos a que assistem. Mesmo sendo agradável, a vida cotidiana em Leningrado é incrivelmente controlada e, embora a riqueza não seja tudo na vida, os cidadãos da grande superpotência comunista parecem ter direito a um pouco mais que aquilo de que desfrutam.

Senão, vejamos: Um salário equivalente a 160 dólares por mês já se pode considerar um ordenado decente em Leningrado. No entanto, quando andava pelas lojas fazendo compras, verifiquei que uma bolsa de mão, de plástico ordinário, custava o correspondente a 16 dólares, um relógio de lata comum valia 45, um cobertor de *nylon* 53, uma televisão a cores 700 e um pequeno carro Fiat custava o equivalente à quantia fabulosa de 9.300 dólares. Não consegui encontrar galinha em toda a cidade, e carne de boi era um sonho de ricos. Em Leningrado só havia dois tipos de pão, um cinzento e outro negro como carvão, ambos «dormidos».

**Monstros de pedra.** Sob qualquer aspecto, é difícil viver num sistema assim, mas aqueles cidadãos, tal como fizeram no passado, conseguiram adaptar-se à situação. E como foi tenebroso o passado! Cada viela encerra seu pedaço de história, cada mansão presenciou seu drama. Uma

visita demorada através da «Veneza do Norte», para estudar todos os seus detalhes, pode levar semanas ou até meses. De qualquer modo, visitei lugares que ficaram meus favoritos e sobre os quais gostaria de falar.

Numa tarde ensolarada, eu e minha guia Natasha, da Intourist, atravessamos a ponte para a ilha Zaiatchi, passando sob o Arco Triunfal de São Pedro e admirando um lindo panorama de praças pavimentadas, plátanos murmurando ao vento e as silhuetas dos bastiões com 12 metros de altura da Fortaleza de Pedro e Paulo, o primeiro dos principais edifícios da cidade. Concebido por Pedro o Grande e desenhado pelo arquiteto italiano Domenico Trezzini, é simultaneamente belo e trágico, heróico e melancólico. Sob a tirania do czar, uma multidão de mais de 20 mil soldados e servos presidiários construiu em apenas seis meses as fundações, que têm 20 metros de espessura. Os 200 belos canhões de bronze, fundidos no local, nunca dispararam um só tiro para fins bélicos. Quando foi concluída, a compacta ilha-fortaleza já estava obsoleta, superada pela Kronstadt, a 27 quilômetros do delta do Neva. Então, com ímpeto barbaresco, o Czar Pedro imediatamente transformou sua fortaleza sagrada numa espécie de Bastilha russa e, numa excêntrica decisão, mandou construir uma deslumbrante catedral dentro dos muros do presídio. Ainda hoje, a agulha da torre de 120 metros é o símbolo da cidade, dominando garbosamente toda a metrópole ateuista.

Depois de passarmos a catedral, Natasha e eu caminhamos por entre muralhas altas e escuras e entramos no bastião Troubetskoi, a mais tenebrosa prisão de toda a Rússia por mais de dois séculos. À medida que nossos passos iam ecoando pelos austeros corredores de pedra, esquecemos a luz do sol que deixamos cá fora e o ambiente foi ficando silencioso. Finalmente, chegamos ao mais pavoroso lugar daquela horrível prisão: uma cela de torturas onde poucos prisioneiros sobreviveram mais de 48 horas.

Sem qualquer aviso, uma mulher de rosto enrugado, funcionária da Intourist, que segurava um molho de chaves, trancou-nos dentro da cela, e o grupo de cerca de 20 turistas desprevenidos ficou encafuado naquele cubículo de pesadelo. Então, brusca-mente, a clarabóia foi fechada e a pesada porta da cela bateu. «Meu Deus! Estamos trancados!», gritou um turista. Foi um momento angustiante, terrível — nem quero lembrar. Nossa prisão demorou apenas uns 60 segundos, mas pareceu uma eternidade.

Numa metrópole que se distingue por sua grandiosidade, a modéstia é uma coisa rara de encontrar, mas eu finalmente a descobri na Domik Petra, a «Casa de Pedro». Esta cabana de madeira, a mais antiga moradia da cidade, foi a casa de Pedro o Grande durante os primeiros anos. Tem apenas dois compartimentos; num deles, Pedro trabalhava e recebia os amigos, no outro comia e dormia.

Não podemos deixar de sentir admiração por esse czar que, embora sendo rigorosamente autocrata, tinha um

fundo tão humano. Mesmo quando os suntuosos palácios já estavam prontos, Pedro o Grande ainda voltava à sua cabana de madeira. De sua entrada, adorava ficar vendo os barcos a vela subindo o Neva, ou admirando o horizonte sempre diferente de sua nova capital. No sótão da cabana, ainda existe um barquinho tipo esquife, que o próprio czar talhou de um tronco, e uma pesada panela de ferro que ele mesmo fundiu. «O Czar Pedro era um homem do povo», informou a guia. Bobagem! Ele era homem de si próprio. Tinha a marca dos heróis.

**Era um campo de feno.** Todos os descendentes de Pedro respeitaram as idéias de seu ancestral e acrescentaram toques pessoais à fabulosa capital, mas nenhum deles o fez com mais espalhafato do que Catarina II, durante cujo reinado a cidade alcançou o apogeu em luxo. Foi ela quem dotou São Petersburgo com seu mais belo e famoso monumento, o «Cavaleiro de Bronze», de 10 metros de altura, imortalizado pelo poeta Pushkin. A gigantesca estátua representa Pedro montado num garboso cavalo empinado, que se equilibra na extremidade de um rochedo autêntico de granito. O laconismo da lápide reflete bem a brevidade que era comum na época imperial: A PEDRO I, CATARINA II.

A um quarteirão apenas do «Cavaleiro de Bronze», fica a maravilha que os soviéticos chamam de Dvortsovaia, a «Praça do Palácio». Enorme e fascinante, foi durante dois séculos o centro de toda a Rússia. É o mais espetacular dos pontos de interesse tu-

rístico de Leningrado e um dos mais maravilhosos do mundo, comparável à Praça da Concórdia em Paris. Abrangendo uma área de oito hectares, em forma de gigantesca meia-lua, a Praça do Palácio é tão vasta que as pessoas parecem simples pigmeus e os ônibus estacionados fazem lembrar minúsculas caixas de fósforos. Só a praça de T'ien-an Men, em Pequim, é maior.

Quando Pedro morreu, a Dvortsovaia era apenas um campo de feno. Três décadas mais tarde, a Czarina Isabel, sua filha, ali iniciou a construção do lendário e fantasmagórico Palácio de Inverno. Escolhendo os campos de pastagens do lado norte, voltados para o Neva, o arquiteto Bartolomeo Rastrelli concebeu um retângulo de palácios com quatro fachadas inteiramente contrastantes. Segundo os planos iniciais, o palácio ficaria com 1.050 salas, mas esse projeto «extremamente modesto» foi modificado, e o edifício passou a ter 2.500 salas. Essa jóia barroca, abarrotada de ouro e das riquezas mais extravagantes, foi uma espécie de Palácio de Buckingham dos soberanos até a revolução bolchevista. Tal como nos dias do império, os palácios de cor verde-limão ainda encerram a incomparável coleção de arte Hermitage, com seus 25 Rembrandts, seus Leonardos, Rafaéis e Michelangelos, com salas repletas de obras de Renoir, Cézanne e Van Gogh. A coleção é tão vasta que, se alguém quisesse passar 30 segundos admirando cada uma das obras de arte, ficaria nove anos no museu.

Ao sul do pomposo Palácio de Inverno, avista-se a fachada amarelo-

cromo do edifício que outrora foi o quartel-general dos chefes do estado-maior e do ministério das relações exteriores. Este monumental bloco de edifícios possui bem ao centro um imponente Arco de Triunfo quase tão alto como o de Paris. Seu arco tem 28 metros de altura e é efusivamente coroado com 16 toneladas de estátuas diversas de ferro, como a Glória Alada e sua Carruagem da Vitória puxada por seis cavalos.

No centro da Dvortsovaia, fica o maior monólito da Terra: a Coluna do Czar Alexandre I, que glorifica a vitória deste sobre Napoleão. Entalhado num bloco único de rocha, o compacto obelisco de granito cor-de-rosa tem 47 metros e, por ironia do destino, foi desenhado por um francês: Montferrand. A coluna de 600 toneladas é tão pesada que foram necessários 400 trabalhadores e 1.400 soldados para arrastarem o gigantesco bloco de granito até aquele local. Quando construíram o pedestal fazia tanto frio que, segundo se conta, Montferrand mandava misturar o cimento com vodca, em vez de água, para que a argamassa não pudesse congelar.

**Palácio de sonho.** Em toda a União Soviética, não há nada que apresente maior grandiosidade nem mais gloriosa ostentação do que o Petrodvoretz, o primeiro Palácio de Verão dos Romanovs e hoje residência de verão do primeiro-ministro. Estonteante rapsódia barroca de castelos, parques florestais e cascatas, esse patrimônio se estende por uma área de mil hectares, às margens do Golfo da Fin-

lândia, a cerca de 30 quilômetros de Leningrado. Projetada num céu impecavelmente azul, uma enorme fachada exótica (275 metros de vidraças e parede estucada de cor creme e amarelo-canário) se destaca sob o telhado inclinado recoberto de folhas de estanho prateado. O impressionante edifício está situado no alto de uma colina, dominando uma profusa explosão líquida de lindos repuxos e murmurantes cascatas, entremeados por imensa variedade de estátuas. Destaca-se a Grande Cascata, com seus 37 gigantes dourados, 150 náiades e monstros marinhos, 29 baixos-relevos, inúmeros repuxos menores, bacias de mármore e uma gruta.

Há ainda os *choutikhi*, os «repuxos de otários». Idealizados para os cortesãos entediados que passeavam pelos jardins, esses ardilosos dispositivos podem nos aplicar uma ducha inesperada se pisarmos determinados seixos na calçada ou nos sentarmos em certos bancos no parque. Um desses repuxos envolve-nos abruptamente com uma cristalina «sombriinha» de água. O mais bonito de todos é uma árvore discretamente escondida, que parece um carvalho mas é feita de metal, e faz jorrar água de um canteiro de tulipas também de metal. Adultos e crianças adoram brincar com ele, assim como adoram tudo no Petrodvoretz. O lugar é um verdadeiro *playground*, é um jardim impressionante, transformado em parque, que faz o deleite dos habitantes de uma grande cidade.

De fato, a moderna Leningrado é uma grande cidade, dinâmica, viva,

humorada e, principalmente, histórica; é uma cidade sem privações nem escravidão; é limpa, funcional, sem desemprego. Contudo, talvez seja também deprimente. Seu povo deve sofrer as iniquidades e os defeitos de um sistema obsoleto, que já não funciona, mas que massacra com inexoráveis doutrinações e permanente vigilância, às quais ninguém pode escapar.

Talvez a característica mais extraordinária em toda a cidade de Leningrado seja o fato de que aquele povo, aqueles esplêndidos e inquietos eslavos tenham conseguido sobreviver, apesar do sistema — provavelmente não com muito otimismo, mas, de qualquer forma, sobreviveram. Como poderei esquecê-los? Como poderei esquecer aqueles estranhos que me convidaram para jantar, tão alegres, gentis e solícitos? Ou como poderei olvidar minha guia Natasha, encantadora, atenciosa, sempre seguindo à risca seu treinamento Intourist? Como poderei esquecer os choferes de táxi, de aspecto rústico, mas joviais, ou aquele simpático casal de velhinhos, no parque, tranqüilamente entretido com um problema de palavras cruzadas? Todos eles são pessoas extraordinárias, cheias de dignidade, de orgulho e de terno encanto.

Não posso lamentar uma gente assim; isso seria um insulto. Talvez a palavra mais adequada seja compaixão, ou admiração, ou até inveja, pois, com aquele sistema ou sem ele, todos estes seres humanos se deleitam diariamente com as eternas glórias de sua deslumbrante e fabulosa cidade. ▲